

- (2) Se alguém é obrigado a fazer  $x$ , esse alguém pode fazer  $x$  ("deve" implica "pode").
- (3) Algumas pessoas às vezes fazem promessas que não podem cumprir.

As proposições (1) a (3) são bem sustentadas. A proposição (1) é analítica; é parte do conceito de prometer que, se prometeu fazer algo, quem prometeu é obrigado a fazê-lo.

A distinção entre proposições analíticas e sintéticas se associa mais estreitamente com o nome de Immanuel Kant, que usou essa distinção para separar o domínio da lógica do domínio dos fatos. Segundo Kant, os seres humanos não têm acesso a uma realidade não-mediada; ao contrário, todo conhecimento humano é filtrado e condicionado por conceitos como causalidade, substância e temporalidade.

- 2 A passagem a seguir é um exemplo de um ensaio que começa bem. Especifique a função de cada frase. Use os números de seção ou títulos descritivos de "Esboço da estrutura de um ensaio filosófico" o máximo que puder. Algumas frases da passagem anunciam coisas que serão feitas mais tarde no ensaio; exprima esses fatos, especificando a função da frase. Por exemplo, se uma frase diz que serão respondidas objeções num dado momento, diga que a função da frase se vincula com "objeções".

[1] Neste ensaio apresento uma interpretação do argumento do começo de *República* 10 (597c1-d3). [2] O argumento — por vezes nomeado como o Argumento da Terceira Cama (ATC) — mostra que a Forma da cama é sem par. [3] Trata-se de um argumento interessante porque usa o princípio do Um-Acima-dos-Muitos (UAM), que justifica que se ponham Formas. [4] Mas, ao contrário do uso que recebeu no primeiro Argumento do Terceiro Homem (ATH) de *Parmê-*

*nides* (131a1-b2), o uso do UAM no ATC não produz um argumento passível de entrar numa regressão ao infinito. [5] Como o ATC é sob todos os demais aspectos um enunciado clássico da teoria das Formas que costuma ser associado com os diálogos intermediários, podemos concluir que essa teoria não é metafisicamente falha, ao contrário do que por vezes se afirma. [6] Sejam quais forem, os problemas que afetam o ATH não infectam toda a teoria das Formas nos diálogos intermediários porque há ao menos um exemplo de enunciação clara da teoria que não é vitimado pela regressão ao infinito do ATH.

[7] Na seção 1 deste trabalho, analisamos o ATC e acrescentamos três pressupostos necessários para torná-lo válido. [8] Do mesmo modo, explicamos esses pressupostos e apresentamos evidências textuais para eles. [9] Na seção 2, traçamos o panorama de comentários recentes sobre o ATC e defendemos nossa interpretação desses comentários. [10] Mostramos em particular que, em nossa interpretação, o ATC não é passível de cair numa regressão ao infinito de Formas da cama. [11] Na seção 3, examinamos as implicações que este último fato tem para uma teoria das Formas que sustente que a Forma de  $f$  é, de alguma maneira, o próprio  $f$ . [12] Mostramos de que maneira essa doutrina central da teoria das Formas dos diálogos intermediários pode ser mantida sem ameaças de inconsistência ou de regressão ao infinito. [13] Na seção 4, aplicamos a nossa interpretação do ATC ao ATH, mostrando que o passo falacioso deste último pode ser trazido à luz mediante a consideração de importantes diferenças entre os dois argumentos. (Richard D. Parry, "The uniqueness proof for forms in *Republic* 10", *Journal of the History of Philosophy*, nº 23, 1985, pp. 133-134).